

Uma perda pode ser patológica? Uma revisão sistemática acerca do Luto Patológico (2010-2020)

¿Puede una pérdida ser patológica? Una revisión sistemática sobre el duelo patológico (2010-2020)

Can a loss be pathological? A systematic review on Pathological Grief (2010-2020)

Gabriel Barth da Silva*

RESUMO

O presente trabalho pretende, a partir de uma revisão sistemática de literatura na língua inglesa, investigar a produção científica realizada a partir da inserção do Luto Patológico na quinta edição do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), junto da sua inclusão na décima primeira edição do Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-11). Compreendendo o período entre os anos de 2010 e 2020, o trabalho pretende perceber qual era o estado da arte sobre o conceito de Luto Patológico durante o início da pandemia do COVID-19, fenômeno que traz à tona a urgência de investigações sobre formas de luto e seus manejos. A revisão é realizada seguindo o protocolo PRISMA. Pretende-se, com o presente trabalho, fomentar cada vez mais o debate acerca da relação da sociedade contemporânea ocidental em sua evitação da morte, e de seus possíveis reflexos nos trabalhos psicológicos atuais. Como resultado, foi possível perceber um consenso sobre haver manifestações de luto de forma patológica, acompanhada por uma possível estigmatização, e também diversos relatos na dificuldade de estabelecer critérios diagnósticos para os casos, indicando formas de aprimorar a identificação dos casos. Foram expressadas críticas sobre fato-

Palabras clave: Luto, Patologização, Sofrimento, Morte, Perda.

* Estudante de Doctorado en Sociología en la Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. Becario de la Coordinación de Perfeccionamiento del Personal de Educación Superior, CAPES, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6893-211X>
Correo electrónico: gabrielbarths@gmail.com

res culturais na identificação dos casos, além do presente estudo ressaltar a necessidade de contemplar o caráter subjetivo da experiência do luto.

RESUMEN

A partir de una revisión sistemática de la literatura en lengua inglesa, este trabajo tiene como objetivo investigar la producción científica realizada desde la inclusión del Duelo Patológico en la quinta edición del Manual Diagnóstico y Estadístico de los Trastornos Mentales (DSM-5), junto con su inclusión en la undécima edición de la Clasificación Estadística Internacional de Enfermedades y Problemas Relacionados con la Salud (CIE-11). Abarcando el periodo comprendido entre 2010 y 2020, el trabajo pretende conocer cuál era el estado del arte sobre el concepto de Duelo Patológico durante el inicio de la pandemia de COVID-19, un fenómeno que pone de manifiesto la urgencia de las investigaciones sobre las formas de duelo y su manejo. La revisión se realizó siguiendo el protocolo PRISMA. El objetivo de este trabajo es profundizar en el debate sobre la relación entre la sociedad occidental contemporánea y su evitación de la muerte, y sus posibles repercusiones en el trabajo psicológico actual. Como resultado, se pudo observar un consenso sobre las manifestaciones patológicas del duelo, acompañadas de una posible estigmatización, y también diversos informes sobre la dificultad de establecer criterios diagnósticos para los casos, indicando formas de mejorar la identificación de los mismos. Se expresaron críticas sobre los factores culturales en la identificación de casos, y este estudio también hizo hincapié en la necesidad de tener en cuenta la naturaleza subjetiva de la experiencia de duelo.

Keywords: luto, patologización, sufrimiento, muerte, pérdida.

ABSTRACT

Based on a systematic review of the English-language literature, this paper aims to investigate the scientific production carried out since the inclusion of Pathological Grief in the fifth edition of the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5), along with its inclusion in the eleventh edition of the International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems (ICD-11). Covering the period between 2010 and 2020, the work aims to understand what the state of the art was on the concept of Pathological Grief during the beginning of the COVID-19 pandemic, a phenomenon that brings to light the urgency of investigations into forms of grief and their management. The review was carried out following the PRISMA protocol. The aim

Palavras-chave: mourning, pathologization, suffering, death, loss.

of this work is to further the debate on the relationship between contemporary Western society and its avoidance of death, and its possible repercussions on current psychological work. As a result, it was possible to see a consensus on pathological manifestations of mourning, accompanied by possible stigmatization, and also several reports on the difficulty of establishing diagnostic criteria for cases, indicating ways to improve the identification of cases. Criticism was expressed about cultural factors in the identification of cases, and this study also highlighted the need to consider the subjective nature of the bereavement experience.

Introdução

A presente revisão de literatura pretende analisar os artigos produzidos na década passada, compreendendo os anos de 2010 até 2020, acerca do debate sobre o Luto Patológico e suas diversas nomeações científicas, centrando na compreensão de como o tópico foi trabalhado pela comunidade científica nos campos da Medicina, Psicologia e das Ciências Sociais. A decisão de investigação do tópico vem a partir da inserção dessa patologia na quinta edição do Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), editado pela Associação Americana de Psiquiatria, e pela décima primeira edição do Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-11), editado pela Organização Mundial de Saúde.

A urgência do tema revela-se a partir do fenômeno da COVID-19, com início em 2019, que, de acordo com os cálculos estatísticos de Msemburi et al. (2023), houve em torno de 14.83 milhões de excesso de mortes durante o período de 1º de Janeiro de 2020 até 31 de Dezembro de 2021. O conceito excesso de mortes, na epidemiologia, refere-se ao aumento do número de mortes em um determinado período de tempo, podendo também ser associado com um determinado grupo.

Esse aumento considerável do número de mortes reitera a necessidade de investigação da produção de conhecimento sobre o luto durante o período da pandemia. Considerando trabalhos como o de Goveas e Shear (2021) sobre o luto em adultos mais velhos em circunstâncias de maior fragilidade de rede de apoio, de Ishikawa (2020) sobre o medo da morte e seu luto antecipatório, além da revisão de literatura de Kumar (2021) sobre o luto durante a pandemia, que auxilia a perceber a produção teórica sobre a vivência do luto atravessado pelo que caracterizou a experiência pandêmica, como o isolamento social e o aumento significativo de mortes em todo o planeta. Considerando esse contexto de produções científicas, o objetivo do presente trabalho é compreender qual era a trajetória do debate sobre o Luto Patológico na década anterior à COVID-19, percebendo, também, quais eram as discussões que compunham a perspectiva dos profissionais em um momento inicial do trabalho com o luto. Busca-se promover uma literatura de estado da arte para

compreender e poder comparar os processos históricos de debate em torno do diagnóstico de luto patológico para futuros estudos que venham a contemplar as produções científicas sobre o luto patológico durante e após a pandemia.

O uso da pesquisa em língua inglesa se justifica pois, como demonstra Jenkins (2013), seu uso é considerado como consenso universal para a produção e disseminação de conhecimento acadêmico. Considerando-a enquanto língua franca, portanto, realizar uma revisão de literatura sobre os trabalhos produzidos nesse idioma permite abarcar diversas culturas e realidades, complexificando a produção teórica sobre o fenômeno proposto.

Busca-se compreender como estavam sendo debatidos os critérios diagnósticos para o luto patológico, que tipo de debate estava compondo e caracterizando as perspectivas dos autores sobre a implementação da categoria diagnóstica em diferentes contextos, além de também perceber quem eram os principais expoentes sobre o debate em torno do diagnóstico. Por fim, também é objetivado registrar os diversos debates e particularidades de diferentes estudos realizados em torno do conceito para apresentar uma versão concisa das discussões sobre o conceito para permitir um debate futuro sobre os diferentes momentos que marcam os diagnósticos vinculados à experiência do luto. A inclusão do ano 2020 se dá para perceber o início do debate com a pandemia, com esses trabalhos acompanhados de toda a década anterior de produção científica em torno do luto patológico.

Na sequência da revisão de literatura, os resultados serão debatidos acerca da literatura proposta por Eugène Minkowski (2000, 2004), sendo complementado pelos trabalhos de Nolasco & Freitas (2021) e Freitas (2013). Essa literatura foi selecionada para debater outras formas de perceber e analisar o fenômeno do luto, complementando e complexificando com o resultado da investigação nas bases de dados. Busca-se, nesse movimento, complexificar as produções contemporâneas acerca do tópico, permitindo a abertura sobre novos olhares possíveis acerca da vivência do luto.

Metodologia

A revisão foi pautada a partir do protocolo PRISMA, se utilizando de pesquisas nas bases de dados Scopus, PubMed e Web of Science. Os termos utilizados nas ferramentas de pesquisa, sem filtros, em cada uma das bases, foram “Pathological Grief”¹ e “Complicated Grief” AND “persistent”². O termo “Complicated Grief” AND “Persistent” foi gerado pois vários trabalhos vinculados ao Pathological Grief também utilizavam o termo Complicated Grief, adicionando o termo Persistent pela palavra surgir na definição da patologia do DSM-5.

Em seguida, foram aplicados filtros como data, tipo de arquivo, língua e área de concentração. Sobre o período de publicações, foi delimitada uma busca entre os anos de 2010 e 2020, caracterizando os trabalhos produzidos da década passada. O tipo de arquivo buscado foram artigos científicos publicados em revistas científicas, junto ao filtro de seleção de línguas para o inglês. As áreas de concentração para busca sobre o tópico foram Medicina, Psicologia ou Ciências Sociais, por serem áreas centrais e complementares para compreender um fenômeno como o luto, pelas suas manifestações biológicas, subjetivas e sociais.

Após a execução dos filtros, foram identificados 264 trabalhos, que foram filtrados, a partir de uma leitura breve, para identificar os que atendiam aos propósitos do trabalho. Para esse processo, foram estruturados critérios de inclusão e exclusão para revisão, sendo os de inclusão:

- Estudos centrados na análise de validação enquanto doença, ou não, do Luto Patológico ou Luto Complicado Persistente;
- Estudos sobre critérios de enquadramento do diagnóstico de Luto Patológico ou Luto Complicado Persistente;
- Estudos sobre fenômenos que devem ser contemplados acerca do Luto Patológico ou Luto Complicado persistente;
- Estudos de caso sobre Luto Patológico ou Luto Complicado Persistente;

1 Tradução para o inglês do termo “Luto Patológico”

2 Tradução para o inglês do termo “Luto Complicado” E “Persistente”.

- Revisões de literatura sobre Luto Patológico ou Luto Complicado Persistente.

Para os critérios de exclusão, foram utilizados:

- Falta do artigo completo disponível;
- Análises de luto que não contemplassem a vinculação com os termos Luto Patológico ou Luto Complicado Persistente;
- Texto de artigo em uma língua diferente do inglês;
- Falta de apresentação de método no artigo.

O processo pode ser percebido na seguinte tabela, em que as colunas representam, em ordem: quantos sumários foram selecionados para a análise do estudo; quantos sumários foram coletados de artigos na busca nas bases de dados; quantos sumários foram rejeitados na análise; número de trabalhos excluídos pelos critérios de data, tipo de documento, tipo de fonte, outras razões e fora do escopo delimitado sobre o tópico da presente revisão; as bases de dados utilizadas para o estudo. Essa divisão é representada em:

Tabela 1

Artigos coletados e selecionados para a análise

Razões de exclusão dos artigos									
Con- tagem dos artigos selecio- nados	Con- tagem dos artigos coleta- dos	Con- tagem dos artigos rejeita- dos	Data	Tipo de docu- mento	Tipo de fonte	Língua	Outros	Fora do escopo	Bases de dados
18	192	174	95	64	13	40	0	67	Pub- Med
10	305	295	148	32	6	21	0	88	Scopus
8	284	276	120	28	7	11	0	110	Web of Science

Ao final do processo de seleção, foram identificados 36 artigos para análise posterior. O resultado da pesquisa nas bases de dados pode ser percebido na tabela na sequência, que foi ordenada a partir da identificação dos artigos nas bases de dados:

Tabela 2

Caracterização dos estudos selecionados na revisão de literatura

Base de dados	Ano	Autor principal	Título	Revista
PubMed	2018	Nakajima, S.	Complicated grief: recent developments in diagnostic criteria and treatment	Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences
PubMed	2017	Granek, L.	The use of pathological grief outcomes in bereavement studies on African Americans	Transcultural Psychiatry
PubMed	2013	Bryant, R. A.	Is pathological grief lasting more than 12 months grief or depression?	Current Opinion in Psychiatry
PubMed	2019	O'Connor, M.	Comparison of proposed diagnostic criteria for pathological grief using a sample of elderly bereaved spouses in Denmark: Perspectives on future bereavement research	Journal of Affective Disorders
PubMed	2019	Lenferink, L. I. M.	The importance of harmonising diagnostic criteria sets for pathological grief	British Journal of Psychiatry
PubMed	2018	Eisma, M. C	Public stigma of prolonged grief disorder: An experimental study	Psychiatry Research
PubMed	2015	Breen, L. J	Can Grief be a Mental Disorder?: An Exploration of Public Opinion	The Journal of Nervous and Mental Disease
PubMed	2014	Penman, E. L	Public attitudes about normal and pathological grief	Death Studies
PubMed	2020	Comtesse, H.	When does grief become pathological? Evaluation of the ICD-11 diagnostic proposal for prolonged grief in a treatment-seeking sample	European Journal of Psychotraumatology
PubMed	2010	Granek, L.	Grief as pathology: The evolution of grief theory in psychology from Freud to the present	History of Psychology
PubMed	2010	Bleichmar, H.	Rethinking pathological mourning: multiple types and therapeutic approaches	Psychoanalytic Quarterly

PubMed	2019	Parisi, A.	The relationship between substance misuse and complicated grief: A systematic review	Journal of Substance Abuse Treatment
PubMed	2013	Simon, N. M.	Treating complicated grief	JAMA: The Journal of the American Medical Association
PubMed	2016	Doering, B. K.	Treatment for complicated grief: state of the science and ways forward	Current Opinion in Psychiatry
PubMed	2018	Kokou-Kpolou, K.	Persistent depressive and grief symptoms for up to 10 years following perinatal loss: Involvement of negative cognitions	Journal of Affective Disorders
PubMed	2019	Eisma, M. C.	Complicated grief and post-traumatic stress symptom profiles in bereaved earthquake survivors: a latent class analysis	European Journal of Psychotraumatology
PubMed	2016	LeBlanc, N. J.	Emotional and physiological reactivity in Complicated Grief	Journal of Affective Disorders
PubMed	2020	Szuhany, K. L.	Impact of sleep on complicated grief severity and outcomes	Depression and Anxiety
Scopus	2020	Izadi-Mazidi, M.	Pathologic Grief and Loss Associated with COVID-19 in Iran	Journal of Loss and Trauma
Scopus	2019	Bruno, A.	Grief and the new DSM-5 clinical category: A narrative review of the literature	Mediterranean Journal of Clinical Psychology
Scopus	2019	Saltzman, L.Y.	It's About Time: Reconceptualizing the Role of Time in Loss and Trauma	Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy
Scopus	2020	Killikelly, C.	Development of the international prolonged grief disorder scale for the ICD-11: Measurement of core symptoms and culture items adapted for chinese and german-speaking	Journal of Affective Disorders
Scopus	2020	Buck, H.G.	Accelerated Resolution Therapy: Randomized Controlled Trial of a Complicated Grief Intervention	American Journal of Hospice and Palliative Medicine

Scopus	2020	Lundorff, M.	Are there gender differences in prolonged grief trajectories? A registry-sampled cohort study	Journal of Psychiatric Research
Scopus	2020	Pan, H.	Deepening the understanding of complicated grief among Chinese older adults: A network approach	Asian Journal of Psychiatry
Scopus	2020	Mortazavi, S.S.	Fear, Loss, Social Isolation, and Incomplete Grief Due to COVID-19: A Recipe for a Psychiatric Pandemic	Basic and Clinical Neuroscience
Scopus	2019	Steil, R.	Prevalence of prolonged grief disorder in a sample of female refugees	BMC Psychiatry
Scopus	2019	Pan, H.	The prevalence of complicated grief among Chinese people at high risk: A systematic review and meta-analysis	Death Studies
Web of Science	2018	Trembl, J.	Prolonged grief disorder	Der Nervenarzt
Web of Science	2014	Fasse, L.	Grief: From signs to experience. Reflections about norm and bereaved people experience at the time of the classification of complicated grief	L'Évolution psychiatrique
Web of Science	2012	Wakefield, J. C.	Should Prolonged Grief Be Reclassified as a Mental Disorder in DSM-5? Reconsidering the Empirical and Conceptual Arguments for Complicated Grief Disorder	The Journal of Nervous and Mental Disease
Web of Science	2018	Kliem, S	The latent nature of prolonged grief - A taxometric analysis: Results from a representative population sample	Psychiatry Research
Web of Science	2020	Eisma, M. C.	ICD-11 Prolonged Grief Disorder Criteria: Turning Challenges Into Opportunities With Multiverse Analyses	Frontiers in Psychiatry

Web of Science	2020	Cozza, S. J.	Optimizing the clinical utility of four proposed criteria for a persistent and impairing grief disorder by emphasizing core, rather than associated symptoms	Psychological Medicine
Web of Science	2020	Smith, K. V.	A qualitative analysis of loss-related memories after cancer loss: a comparison of bereaved people with and without prolonged grief disorder	European Journal of Psychotraumatology
Web of Science	2020	Bonanno, G. A.	Trajectories of grief: Comparing symptoms from the DSM-5 and ICD-11 diagnoses	Depression and Anxiety

Dos artigos selecionados, foram identificados principalmente os elementos: Ano; Autor principal; Outros autores; Título; Revista científica; Tópico pesquisado; Objetivos do artigo; Principais conceitos utilizados; Metodologia; Se a pesquisa foi realizada em campo: país, setor e população; Principais descobertas. Considerando essas informações coletadas, propõe-se debater sobre os procedimentos e as conclusões de alguns trabalhos para ilustrar como foram realizadas as investigações, suas conclusões e como esses resultados se dialogam na construção do debate sobre a conceitualização do diagnóstico de luto patológico.

Resultados e discussão

Um ponto de partida possível para a análise diz respeito a como os artigos trabalham acerca do luto. Podem-se correlacionar 4 pontos de partida a partir de então, sobre os tópicos: luto complicado; normal/patológico; desordem de luto prolongado; os livros DSM-5 e CID-11. De início, os trabalhos que envolvem os livros de Eisma, Rosner & Comtesse (2020) e de Bruno et al (2019) defendem a necessidade da melhor estruturação de um diagnóstico para as patologias em ambos os casos, incentivando novos métodos e instrumentos para o desenvolvimento de maior conhecimento acerca das manifestações da doença. É defendido por Cozza et al (2020) que os critérios utilizados pelo CID-11 são melhores para o trabalho sobre a patologização do luto, pois são mais abrangentes, enquanto do DSM-5.

Sobre o luto complicado, foi possível perceber uma grande variedade de investigações sobre o tópico. Sobre sua correlação com manifes-

tações pós-traumáticas, Eisma et al (2019) perceberam que o fenômeno patológico só foi identificado em desastres que envolviam muitas mortes, indicando essa abordagem nesses casos para encaminhamentos psicológicos. Parisi et al (2019) perceberam correlações com luto complicado e abuso de substâncias, e perceberam que o tratamento sobre o luto auxiliava no aspecto do abuso, comprovando a correlação. Enquanto isso, Szuhany et al (2020) comprovaram a correlação de sono de baixa qualidade em pacientes que apresentavam casos de luto complicado.

Os trabalhos de Simon (2013) e Kokou-Kpolou, Megalaki & Nieuviarts (2018) reiteram como casos de luto complicado normalmente são associados com outras comorbidades. Kokou-Kpolou, Megalaki & Nieuviarts identificaram sua relação com a depressão, enquanto Simon percebe um grande risco da patologia levar a, além do risco de suicídio, casos de depressão e estresse pós-traumático, devendo ser considerado como fatores para tratamento.

Acerca de possíveis formas de tratamento, Buck et al (2020) defendem o uso da “Accelerated Resolution Therapy³ (ART)” para os quadros de luto complicado. Os resultados do estudo se demonstraram positivos, em que a ART foi efetiva e consumiu menos tempo de intervenção com adultos mais velhos, recomentando mais investigações sobre essa estratégia de tratamento para estudos futuros.

Fatores culturais também se mostraram presentes acerca dos casos de luto complicado, como exemplificado no estudo de Graneck & Peleg-Sagy (2017), que demonstraram como a maioria dos estudos realizados sobre o tópico são com indivíduos de etnia branca, e de como, para haver um melhor diagnóstico e tratamento, deve-se considerar esse fator em estudos e no desenvolvimento de protocolos. Sobre um tópico contemporâneo, Mortazavi et al (2020) alertam como o distanciamento social causado pela pandemia do COVID-19 pode gerar uma onda de casos de luto complicado.

Sobre a questão do normal/patológico, Eisma (2018) e Parisi et al (2019) comprovaram que há um consenso público de que o luto pode vir a se tornar uma patologia, e que, em geral, traços negativos são atribuídos aos indivíduos que manifestam essa forma de patologia. En-

3 Em tradução livre, “Terapia de Resolução Acelerada”.

quanto isso, os estudos de Bryant (2013) e O'Connor (2019) ressaltam a necessidade de trabalhar os diagnósticos, revelando as contínuas dificuldades que ainda são apresentadas sobre as definições dos quadros da doença. Isso é também ressaltado pelo estudo de Kliem et al (2018), que reitera a necessidade de melhorar continuamente a conceitualização sobre o que seria patológico, em conjunto com sua medição e etiologia, expressando a necessidade de maiores pesquisas sobre o tópico.

Porém, os trabalhos de Bleichmar (2010) e de Izadi-Mazidi & Riahi (2020) revelam como, em casos bem diagnosticados, e com uma intervenção focalizada, os resultados sobre os pacientes são bem diferenciados, apresentando uma melhora expressiva. É reiterado no trabalho de Izadi-Mazidi & Riahi como as pesquisas de tratamento devem ser acompanhadas com a Terapia Cognitiva Comportamental, pois é a que apresenta melhores resultados nesse cenário, e como esse tipo de estudo é central para um trabalho geral a partir do luto durante e após a pandemia do COVID-19 em 2020.

Acerca da desordem de luto prolongado, é possível retomar as conclusões de Eisma (2018), que considera a formação de um estigma sobre quem possui esse diagnóstico. O trabalho de Bruno et al (2019) ressalta como um diagnóstico cedo pode facilitar o tratamento, porém reitera a necessidade de maior investigação acerca dos aspectos neurológicos do quadro clínico. Smith, Rankin & Ehlers (2020) reiteram como uma das possíveis manifestações do quadro, acerca das memórias, são as negativas se sobressairem sobre as positivas, mantendo um ciclo de lembranças penoso para os pacientes. Bonanno & Malgaroli (2020) percebem que o diagnóstico de Luto Patológico é mais certo e possui melhores resultados que o de desordem de luto prolongado.

Sobre a diversidade de prevalência da desordem de luto prolongado, o estudo de Stel et al (2019) focalizou sobre sua manifestação em refugiadas. Há uma alta taxa nessa população, e por conta de se encontrarem em uma situação específica, reitera-se a necessidade de tratamentos específicos para o caso, principalmente pela manifestação em conjunta com outras psicopatologias, como é muitas vezes observado.

Pelo prisma do trabalho de Lundorff et al (2020), é possível perceber outras variáveis sobre a vivência do luto prolongado, como o

gênero. O estudo permite perceber que, embora em ambos os casos houveram vários sintomas na trajetória do luto, homens em geral viveram como um pico de reação, que foi diminuindo com o tempo, enquanto com mulheres foram manifestações contínuas acumuladas, revelando que o gênero pode ser um fator central na compreensão da manifestação do luto em seus estágios iniciais.

É ressaltado por Wakefield (2012) como há muitos diagnósticos falso-positivos para a concepção de luto prolongado, e como isso acaba por gerar muitos entraves em como lidar com o luto de diversos pacientes. É indicado, então, uma reconceitualização do termo e de sua classificação no DSM-5, permitindo melhores guias para os profissionais de saúde acerca do tópico, e sobre as intervenções possíveis de serem realizadas pelos mesmos.

Apenas o estudo de Granek (2010) pode ser percebido como uma reflexão sobre a patologização geral do luto. Ao realizar uma leitura histórica sobre o processo de estudo sobre o luto, é possível perceber como, inicialmente, pela Psicologia, ele não era percebido como uma doença, porém ao longo do tempo, além de ser percebido como um tópico digno de exploração, foi concebido no campo médico como uma patologia, sendo privatizado, especializado e tratado por profissionais.

Sobre as metodologias encontradas nos estudos, foi possível perceber que, acerca dos trabalhos de campo, há uma atuação internacional de investigação sobre essas manifestações de luto patologizante. Foram identificados estudos em Hong Kong, nos Países Baixos, na França, na China, na Alemanha, na Dinamarca e nos Estados Unidos, além de estudos internacionais. O país com maior número de estudos em seu território foram os Estados Unidos, com 5 investigações. Também foi possível perceber que as investigações ocorreram principalmente com populações enlutadas ou com o público geral, sem distinções.

A maior prevalência das publicações se deu em revistas de psiquiatria, demonstrando como o campo ainda é central e referência na área de patologização do luto. O nome mais citado ao longo da revisão, que surgiu como central na presente revisão com seus respectivos filtros, foi o de Maarten Eisma, da Universidade de Groningen, onde é professor assistente na Faculdade de Ciências Sociais e Comportamentais, pesquisando sobre psicologia clínica e psicopatologia experimental.

O fenômeno de perder e sofrer: propondo um outro olhar sobre o luto

É proposto por Minkowski (2000) uma forma diferente de perceber o sofrimento, em comparação a sua quantificação e divisão entre a normalidade e o patológico. Isso justifica-se pois, de acordo com o autor, sofrer é parte integrante da existência humana, e que o sofrer gera, como o estado depressivo e o desamparo, apenas o traduzem mas não localizam ele em sua totalidade, já que o sofrimento pode apresentar diversas significações e dados que não são traduzidos na linguagem racional. A nostalgia na perda, por exemplo, não pode ser percebida enquanto algo por si só pois, mesmo sendo uma perda de algo precioso, pode conter o desejo de um retorno ou o sofrimento de uma perda irreparável, sendo um fenômeno inerentemente individual. Considerar sua potencialidade apenas como um transtorno ou uma patologia, portanto, reduz seu fenômeno, impedindo de reconhecer sua complexidade e potencialidade.

Esses dados que compõem o fenômeno podem ser compreendidos a partir de metáforas e outras formas de linguagem, como propõe Minkowski (2004), focando na reação por atos, sentimentos, risos ou lágrimas, sendo exatamente seu conceito “contato vital” a relação que o sujeito estabelece com sua vida e seu meio de forma afetiva, gerando sentido. Isso pode ser explorado mais a fundo a partir do olhar de Nolasco & Freitas (2021), em que o pensar, sentir, raciocinar e analisar do indivíduo realizam-se a partir do seu contato vital com a realidade, em sua relação com o ambiente contínua entre o eu e o meio, permitindo, então, deslocar o sujeito para o futuro em seus diversos sentidos de vivência. O sofrimento, enquanto reação desse contato vital com a realidade, não seria um elemento por si só patológico, pois ele exatamente representa essa vivência e essa reação inominável do sujeito com sua experiência subjetiva.

É ressaltado por Freitas (2013) como o luto evoca a condição mortal enquanto fenômeno inevitável e irreversível, contendo diversos significados em sua vivência. Seja a revelação de conflitos prévios ou de questões que geram sofrimento para o sujeito, sua realização e imagem é afastada continuamente do cotidiano e da vida pública do mundo ocidental, buscando evitar a angústia e a dor psíquica que advém de sua vivência. No luto, uma perda significativa é experienciada,

sendo seu sentido fundamental para sua compreensão em seu próprio tempo, já que é uma novidade na experiência do sujeito que carece de sentido. Portanto, pensar em sua potencialidade e no seu caráter inerente da vivência e do processo do sujeito, em sua individualidade e com suas qualidades específicas da sua relação com o que é perdido é essencial para a realização de trabalhos em conjunto com qualquer população enlutada. Mais do que pensar em uma ótica de psicopatologia, justifica-se um olhar afetivo que busca compreender o sentido atribuído nas reações que advêm do contato e do ímpeto vital do indivíduo na realidade.

A leitura fenomenológica se dá, portanto, em uma contraposição sobre a tentativa de estabelecer critérios diagnósticos sobre a possibilidade de um luto patológico. Considerando o sentimento de luto a perda de uma forma de relação com o mundo, que se mantém por tempo indeterminado, discutivelmente ao longo de toda a vida da pessoa, deixa-se de ser possível pensar na ordenação de critérios universais para uma patologia do sentimento de perda. Percebendo a dificuldade encontrada nos estudos na definição e no enquadro de critérios para uma leitura patológica da experiência do luto, e também percebendo como essas dificuldades são aprofundadas nas diferenças culturais e pelos eixos de diferenciação sociais, é incentivada a possibilidade de estruturar um olhar primordialmente fenomenológico na análise do luto em suas diversas circunstâncias enquanto caminho possível para compreender a experiência do luto nas suas múltiplas facetas que se apresentam no cotidiano.

Considerações Finais

Foi possível perceber um consenso dos estudos sobre haver manifestações de luto de forma patológica, com a exceção do estudo de Graneek (2010). Porém, outras complicações surgiram ao longo das leituras do estudo, como a estigmatização dos indivíduos diagnosticados com qualquer manifestação de Luto Patológico, desde luto complicado até desordem de luto prolongado, sendo atribuídos, de maneira geral, características negativas sobre esses indivíduos.

Também foi possível perceber dificuldades em relação ao estabelecimento de um diagnóstico para os casos, havendo muitos estudos que indicavam a necessidade de um maior esforço da comunidade cientí-

fica para isso. Formas de aprimorar o diagnóstico foram apresentadas, como relatos mais detalhados sobre os casos, desde o diagnóstico até tratamentos, além da formalização e utilização de instrumentos que auxiliassem nesse processo.

Foram, em conjunto, contempladas críticas sobre estudos que não incluíam fatores culturais na investigação, ressaltando a centralidade da realidade cultural em que os estudos foram desempenhados para compreender como essas manifestações de luto ocorrem e as melhores formas de tratamento para os sujeitos que apresentem esses quadros. Esses fatores vão desde o momento social vivenciado em maior escala, como a pandemia do COVID-19, até fatores individuais definidos pela socialização dos indivíduos e seus respectivos lugares na estrutura social, como as diferentes manifestações com refugiados, além de diferenças étnicas e de gênero previamente apresentadas.

O luto apresenta um imenso campo de investigação para ainda ser realizada, em que diversos estudos demonstram traços de possíveis explorações para melhor compreensão de suas manifestações e formas de tratamento. Mesmo sendo um fenômeno intrínseco para a vida, ressalta-se ainda a dificuldade de lidar com sua presença, e sobre como, mesmo sendo presente na vida de todos, há diversos fatores que tornam sua vivência diferente a partir de diversos elementos subjetivos e sociais. Considerando que são indicados alguns artigos selecionados pela revisão de literatura que foram publicados ainda em 2020, no começo da pandemia do COVID-19, é incentivada a realização de estudos que permitam comparar os dados e as características das produções nos anos subsequentes para compreender as transformações dos debates após esse evento. É, também, ressaltada a necessidade da realização de um trabalho que permita perceber como ao longo dos anos que compreenderam o evento da pandemia a própria produção em torno do luto pode ter sido transformada com mais investigações sobre o tópico.

Ressalta-se, por fim, da necessidade de pensar o fenômeno do luto em seus casos individuais, com suas potencialidades e qualidades próprias, reivindicando uma produção científica que alinhe-se com os próprios sentidos gerados e vivenciados com as diversas populações enlutadas. Deve-se perceber como o fenômeno se apresenta na realidade em sua própria qualidade subjetiva, estabelecendo um contato

humano com o sujeito e continuamente buscando desenvolver um conhecimento que parte do paradigma da complexidade na análise de vivências de perda e sofrimento.

Referências

- Bleichmar, H. (2010). Rethinking pathological mourning: multiple types and therapeutic approaches. *The Psychoanalytic Quarterly*, 79(1), 71-94.
- Bonanno, G. A., & Malgaroli, M. (2020). Trajectories of grief: Comparing symptoms from the DSM-5 and ICD-11 diagnoses. *Depression and anxiety*, 37(1), 17-25.
- Bruno, A., Iannuzzo, F., Presti, R. L., Pandolfo, G., Cedro, C., Pangallo, N., ... & Muscatello, M. R. A. (2019). Grief and the new DSM-5 clinical category: A narrative review of the literature. *Mediterranean Journal of Clinical Psychology*, 7(2).
- Bryant, R. A. (2013). Is pathological grief lasting more than 12 months grief or depression?. *Current opinion in psychiatry*, 26(1), 41-46.
- Buck, H.G.; Cairns, P.; Emechebe, N.; Hernandez, D.F.; Mason, T.M.; Bell, J.; Kip, K.E.; Barrison, P.; Toftagen, C. (2020). Accelerated resolution therapy: Randomized controlled trial of a complicated grief intervention. *American Journal of Hospice and Palliative Medicine*, 37(10), 791- 799.
- Cozza, S. J., Shear, M. K., Reynolds, C. F., Fisher, J. E., Zhou, J., Maercker, A., ... Ursano, R. J. (2020). Optimizing the clinical utility of four proposed criteria for a persistent and impairing grief disorder by emphasizing core, rather than associated symptoms. *Psychological Medicine*, 50(3), 438-445.
- Eisma, M. C. (2018). Public stigma of prolonged grief disorder: An experimental study. *Psychiatry research*, 261, 173-177.
- Eisma, M. C., Lenferink, L. I., Chow, A. Y., Chan, C. L., & Li, J. (2019). Complicated grief and post-traumatic stress symptom profiles in bereaved earthquake survivors: a latent class analysis. *European journal of psychotraumatology*, 10(1), 1558707.
- Eisma, M. C., Rosner, R., & Comtesse, H. (2020). ICD-11 prolonged grief disorder criteria: Turning challenges into opportunities with multiverse analyses. *Frontiers in Psychiatry*, 11, 752.

- Freitas, J. L. (2013). Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 97-105.
- Goveas J. S., & Shear M. K. (2020). Grief and the COVID-19 pandemic in older adults. *The American Journal of Geriatric Psychiatry*, 28(10), 1119-1125.
- Granek, L. (2010). Grief as pathology: The evolution of grief theory in psychology from Freud to the present. *History of Psychology*, 13(1), 46.
- Granek, L., & Peleg-Sagy, T. (2017). The use of pathological grief outcomes in bereavement studies on African Americans. *Transcultural psychiatry*, 54(3), 384-399.
- Ishikawa, R. Z. (2020). I may never see the ocean again: Loss and grief among older adults during the COVID-19 pandemic. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 12(S1), S85-S86.
- Izadi-Mazidi M., & Riahi F. (2021). Pathologic grief and loss associated with COVID-19 in Iran. *Journal of Loss and Trauma*, 26(2), 202-206.
- Jenkins, J. (2013). *English as a Lingua Franca in the International University: The Politics of Academic English Language Policy*. London: Routledge.
- Kliem, S., Lohmann, A., Mößle, T., Kröger, C., Brähler, E., & Kersting, A. (2018). The latent nature of prolonged grief-A taxometric analysis: Results from a representative population sample. *Psychiatry Research*, 260, 400-405.
- Kokou-Kpolou, K., Megalaki, O., & Nieuviarts, N. (2018). Persistent depressive and grief symptoms for up to 10 years following perinatal loss: Involvement of negative cognitions. *Journal of Affective Disorders*, 241, 360-366.
- Kumar, R. M. (2021). The Many Faces of Grief: A Systematic Literature Review of Grief During the COVID-19 Pandemic. *Illness, Crisis & Loss*, 31 (1), 100-119.
- Lundorff, M., Bonanno, G. A., Johannsen, M., & O'Connor, M. (2020). Are there gender differences in prolonged grief trajectories? A registry-sampled cohort study. *Journal of Psychiatric Research*, 129, 168-175.
- Minkowski, E. (2000). Breves reflexões a respeito do sofrimento (aspecto pático da existência). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3(4), 156-164.

- Minkowski, E. (2004). A noção de perda de contato vital com a realidade e suas aplicações em psicopatologia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 7(2), 130-146.
- Mortazavi, S. S., Assari S., Alimohamadi A., Rafiee M., & Shati M. (2020). Fear, loss, social isolation, and incomplete grief due to COVID-19: A recipe for a psychiatric pandemic. *Basic and Clinical Neuroscience*, 11(2), 225-232.
- Msemburi, W., Karlinsky, A., Knutson, V., Aleshin-Guendel, S., Chatterji S, & Wakefield J. (2023). The WHO estimates of excess mortality associated with the COVID-19 pandemic. *Nature*. 613(7942), 130-137.
- Nolasco, F. I., & Freitas, J. D. L. (2021). Tempo, Sofrimento e Ímpeto Vital: Investigações Fenomenológicas em Minkowski. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, 1-11.
- O'Connor, M., Lasgaard, M., Larsen, L., Johannsen, M., Lundorff, M., Farver-Vestergaard, I., & Boelen, P. A. (2019). Comparison of proposed diagnostic criteria for pathological grief using a sample of elderly bereaved spouses in Denmark: Perspectives on future bereavement research. *Journal of Affective Disorders*, 251, 52-59.
- Parisi, A., Sharma, A., Howard, M. O., & Wilson, A. B. (2019). The relationship between substance misuse and complicated grief: A systematic review. *Journal of substance abuse treatment*, 103, 43-57.
- Selçuk, A. A. (2019). A guide for systematic reviews: PRISMA. *Turkish archives of otorhinolaryngology*, 57(1), 57-58.
- Simon, N. M. (2013). Treating complicated grief. *Jama*, 310(4), 416-423.
- Smith, K. V., Rankin, H., & Ehlers, A. (2020). A qualitative analysis of loss-related memories after cancer loss: a comparison of bereaved people with and without prolonged grief disorder. *European Journal of Psychotraumatology*, 11(1), 1-10.
- Szuhany K. L., Young A., Mauro C., Garcia de la Garza A., Spandorfer J., Lubin R., Skritskaya N. A., Hoepfner S. S., Li M., Pace-Schott E., Zisook S., Reynolds C. F., Shear M. K., & Simon N. M. (2020). Impact of sleep on complicated grief severity and outcomes. *Depression and Anxiety*, 37(1), 73-80.
- Wakefield, J. C. (2012). Should prolonged grief be reclassified as a mental disorder in DSM-5?: reconsidering the empirical

and conceptual arguments for complicated grief disorder.
The Journal of nervous and mental disease, 200(6), 499-
511.